

# VERDADE

ORGAM DE PROPAGANDA ANTE-JESUITICA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

*Manoel Victorino*

ANNO I

Florianópolis, 26 de Fevereiro de 1903

N. 1

## VERDADE

26-2-903.

Havendo ainda, felizmente, neste pobreza, um punhado de homens independentes para quem a honra, o brio e a dignidade não são sentimentos mortos; havendo ainda quem tenha amor a este desgraçado Estado, a ponto de sentir o sangue da vergonha subir às faces ao ver um miserável padrón germanico, fanático e boçal, fazer deste pedaço da querida pátria, uma terra de escravos, onde elle impera como senhor feudal; porque exista ainda quem não tema a ex-comunhão do papa nem as fogueiras dos srs. jesuítas, é que sae hoje à luz da publicidade este orgão que vedes.

Surge livre, independente e ativo, como livre, independente e ativo deve ser o carácter dos filhos d'esta terra.

Não implora a protecção de ninguém porque espera encontrar-a no coração de todo o brasileiro que sabe ser patriota!

Seu fim é combater os treguas, até despedaçar, o fanatismo, a superstição e o vício, triplice cadáver que estão, prezados os desgraçados vittimas desse bando, funesto e immoral de serpes venenosos, de consciencia negra, como a roupeira que vestem, chamado jesuítas!

Não tem partido tomado. Não está voltado a nenhuma personalidade, autoridade nem mesmo a qualquer doutrina, a não ser a do pensamento comum que admite a liberdade do espírito humano, e como tem a verdade por arma de combate, não foge à luta com quem quer que seja, ao contrário, deseja-a...

Em suas columnas achará guardada todo aquelle que, tendo por si o direito, seja no entanto esmagado pela força ou pela injustiça!

Eis o seu programa, eis porque nasceu...

E, só quando virmos o nosso extremecido torrão natal liberto do domínio do clero estrangeiro, desses falsos missionários, que, envoltos no manto da religião, prevalecem-se da palavra de Jesus para embrutecer as massas, procurando até arrancar-lhes do peito o sentimento de patriotismo, para, por este meio, poderem mais facilmente tripudiar sobre o cadáver da pátria desmembrada...

Só quando conseguirmos ver o povo brasileiro despertar da inércia em que

jaz, para compreender o perigo que constitui para a nossa integridade, esses nefastos sectários expulsos ultimamente pelos patrióticos governos de diversos países europeus, só então poderemos dizer:

Até que enfim o povo brasileiro tornou uma realidade a abolição da escravidão no território patrio!

Nos horizontes d'este torrão que nos serviu de berço, surgiu o fulgente sol da emancipação, fazendo baquear o domínio do jesuítas.

Somos um povo livre!

Porem, enquanto virmos o padre governando, enquanto presenciamos a vergonhosa cena de serem os governos submissos instrumentos a quem o clero maneja a seu bel prazer, enquanto ouvirmos o padre estrangeiro vociferar do alto do pulpito, contra as nossas leis, costumes e até modo de pensar, enquanto tudo isto se der, nós, moços cheios de amor pela pátria, de esperanças no futuro, a quem não assustam os arrenganhos do padre, nem dos seus sectários, havemos de estar a postos, havemos de guerrear essa horda que traz afivelada nas faces a máscara da mais negra hipocrisia.

Contai comosso.

## A propósito de um artigo

(O CLERO BRAZILEIRO)

O Dr. Manoel Victorino, ilustre patrio, em quem me acostumei de ver intemerato republicano e patriota convicto, publicou, em o *Correio do Manhã* (Rio—8 de Fevereiro de 1902), um artigo sob o título: — *O Clero brasileiro*.

Seria tal artigo a mais levantada expressão de verdadeira orientação patriótica em pátria republicana? Seria o interpretar dos factos o que mais accentua o pensamento que os dictou?

Quicá, o pensamento que insculpiu as encantadoras linhas do *Clero Brasileiro* (que o *clero estrangeiro*, no Paraná, pretendeo explorar) outro não foi que o de ferir, em vigoroso destaque, a antítese entre o *clero* dos tempos archipatriarchas da Independência e o que hoje campea, tentando envolver as instituições republicanas em negros círculos de morte: — a morte das energias nacionaes. E a moralidade seria: Ou já não tem o paiz *clero brasileiro* (*clero católico*, composto de *sacerdotes patrios*) ou estes, — infinitezimal, — desaparecem na vaia

dos *inmigrantes das dioceses*. Dahi, talvez, a vibração de um protesto intensificando-se nas entrelínhas do artigo, levando, habilmente, aos Altos Poderes Constituidos, insinuação amiga e delicada. Nem aos olhos de meu patrício passariam desrespeitosas *colonizantes* pretensões de não sei que bellicosa potencia europea, que do *frade* e do *pastor* fazendo vai instrumento político; em assimilações sistemáticas de ideias, sentires e costumes.

Em quanto o *c. l. u.* reage, *patrioticamente*, contra o meio que o cinge, perpetuando, apesar de *cidadão naturalizado*, hábitos, língua e costumes do paiz natal; o *tráfico* e o *pastor* procuram infiltrar, nas camadas inferiores das populações patrícias, ideias e aspectos de vida que alguns brasileiros illustres hão, de algum modo, assimilado já, em tratados de philosophia, em estudos políticos e sociais, traduzindo-os, *naturalizando-os* (?) e expandindo entre os que leem, os que estudam, os que agem.

O Brazil *deslatiniza-se*; ou melhor: *desnaturiza-se*. Ha factores de desintegração política em os horizontes da Patria, actuando fortemente na economia do povo; um dos agentes primordiales de *autonomia* está sendo atacado: — a língua portuguesa; outro agente, desde os tempos coloniaes, vem mystificado: — o *sentimento religioso*.

O *catholicism*, a *tradição religiosa* não é da grande base da população aborigene.

Em tal caso está a língua portuguesa. — Sim! mas, a língua portuguesa está perdida; as populações nacionaes assimilaram o lusitano, como assimilaram muitos dos usos e costumes dos colonizadores.

Com o *sentimento religioso* se não dá o mesmo, porém: quando o povo brasileiro foi, de facto, *catholicico*? As lendas e tradições aborigenes ali estão vivas e ardentes na *alma p' putar*; e o certejo erá no *cu n'pra, no inboitadá, no capora*, etc., não grado a perversidade com que o *clero catholicico* dos tempos coloniaes tentou metamorphosear em demônios esses *genios* protectores das florestas de nossa terra...

Demais, ethnicamente, o *atholicismo* nunca existio, nem mesmo em os paizes a que hennos cognominado *tótimos*. Haja vistas para a Itália: através do *catholicism*, tradições da Etruria filtram e filtram o aryanicismo da Hellade pagau; entre os Celtiberos pompeiam tradicionalismos sacros; a França reflecte as Gallias: é *drui-*

## VERDADE

dica, em seos aspectos originaes, em suas reações nativistas.

O Brasil tem deixado latentes e olvidadas suas linhas originaes; seos aspectos intimos atrofiam-se; não gera, — imita; não concebe, — copia. Dah adaptações monstruosas e ridículas, em a política, em os costumes. Mao vez temos tido sempre de applicarmo-nos tudo que a Europa nos apresenta. Os resultados, porém, nem sempre, — quasi nunca! — correspondem à expectativa.

Porque? Que o díga a hostilidade das condições mesológicas.

Com o artigo *O clero-brasileiro* pretendo explorar astuciosamente o partidarismo clericalista. O pensamento capital ia tão esmaecido nos esmaltes das grinaldas purpuras atiradas ao *clero*, — que o *clero*, — esquecido de que as *rosas* de Apuleo poderiam ter o prestígio mágico de fazer-lhe cahir a esplendida plumagem, entrou a devorar as *rosas* n'um appetite pantagruélico de quem raro recebe finas iguarias que são perolas... E, assim, os *inimigrantes das di-cesses* se banquetearam, largamente, fazendo-se convivas do festim principesco, aos *sacerdotes brasileiros* oferecido por meo illustre patrio.

E, enquanto os aúlicos da Roma-papal, ainda perturbados do lauto banquete, se iam dos pulpitos estrangular o vernalculo, n'uma obscenidade pavorosa de ecapofónias horripilantes, atassalhando o fino perfil caridoso da mulher Brasileira que não frequenta egrejas; menoscabando das instituições republicanas; vociferando contra a mocidade que é o amanhã das nações; e, enquanto, das columnas dos periódicos *romanistas*, rugiam improperiós e doestos contra Brasileiros illustres e Patriotas resplandorados, e contra todos que não rezam pela *cartilha do vaticano*: Que *sacerdote protesto* (um único) pela Patria republicana, em prol da Família brasileira, em prol do Lar e da Lei? Que *sacerdote patrício* disse bem alto aos *inimigrantes das dioceses* que o Brazil é dos brasileiros e que os *catholicos* de nossa Patria, para bem compreender e seguir os ensinamentos de Jesus, não precisam da *tutela do Vaticano*?

Onde esse protesto contra as pretenções temporais da Roma-papal? Onde esse protesto contra o *monopólio* que o Vaticano se pretende da religião do Grande Iniciado Essêncio?

Porventura, para ser christão será necessário o *selo* do cazarismo clericalista?

Porventura, o Brazil carece de Roma?

Emtudo, nenhuma só voz se levantou, que eu saiba, e pela nossa Patria, e pela nossa Repùblica, e pela nossa Família! (1)

Aceaso o espírito de *partidarismo romanista* será mais forte que o sentimento nacional?

Aceaso, os *sacerdotes católicos* nascidos em nossa Patria, — CIDADÃOS, no goso de direitos civis e políticos, — os interesses do clero sobre põem aos interesses nacionaes?

Se assim é; se esses filhos da Terra da

*Vera Cruz*, que nasceram, como nós outros, sob os influjos do Cruzeiro-austral; que, como nós outros, sorriram, ainda no berço, aos sons de canticos suavissimos de mãe extremosa, modilhados neste idioma que é força e factor de autonomia-nacional, — sufocaram no imo as aféções mais pulchras, e o instrumento se fizeram do *clericalism*. indiferentes á Patria, ao Lar e á Família, ás recordações da Infância e da Juventude: — doe dizei-o, — mas, força é dizer-a, — já não são nossos patriocios, já não são Brasileiros!

Se o são: — Que protestem, portanto! Reajam contra a *política* dissolvente da Roma-papal; formem *clero e tholico* de *sacerdotes brasileiros*, expulsem os *inimigrantes das di-cesses* que exploram e mercadejam com a crença sincera e ingenua do povo; e se colloquem, — vizeira erguida, — fortes e bellos, — a lado da resplendissima effigie da Republica, — no momento, a forma evolucional e lógica dos governos da América.

Continuem as tradições glorioas e sympathicas de João Ribeiro Pesssoa, Almeida e Castro, Souza Tenorio, Abreu e Lima, Frei Caneca, Januário da Cunha Barbosa, Antônio Joaquim de Lessa, Frei São Carlos, Feijó, e mais sacerdotes brasileiros, — quasi todos republicanos, todos patriotas, — que não encontraram nenhuma incompatibilidade entre o sacro amor da Terra Natal e a doutrina philosophica do Jesus de Nazareth.

Coritiba, 10 de Julho de 1902.

Dario Vellozo.

(1) Ila exceção honrosa a assinalar hoje, e a faço com prazer. Acha-se nessa capital, o Conde João Evangelista Braga, — ilustre parnambucano, — que se revelou, no pulpite, exaltado patriota e republicano.

Mesmo, talvez, não longe, as colunas episcopais; todavia, os aplausos de seus patrícios.

E' bem de ver que desordens em numerosos pontos, — comidas, entre nós, — pointe de contacto... A Patria a República!

Abra bon!

Coritiba, 6 de Janeiro de 1903.

D. V.

### DR. FRANCO GRILLO

Pungentiva demonstração de piedade christã, exemplo edificante de respeito: pelos mortos, acaba de dar o sacerdote da santa religião romana, Monsenhor Alberto José Gonçalves, atirando impiedosamente sobre a memoria sagrada do Dr. Franco Grillo, ultimamente falecido em Coritiba, uma blasphemia vermelha, amalgamada em muito ódio, ódio secular que ruge no coração da curia romana, contra os livres pensadores, contra os que não pensam pela cabeça encaneida do papa.

E no entanto, elles se dizem continuadores da magnanima Religião de Jesus que é a tolerância e o perdão, que é a encarnação vivissima do amor: «Amai-vos uns aos outros. Amai os vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem, para que sejam filhos de vosso Pae que «está» nos céos; porque faz o seo sol se levante sobre os mäos e os bons e a chuva desça sobre os justos e injustos. (S. Math.)

Para que tanto rancor contra quem a morte inanimou para todo o sempre? para

que tanto rancor contra quem não se pôde defender?

Porque, dizei-nos os sacerdotes de Roma, porque não n'o enfrentaste em vida, quando elle pela imprensa, desfibrava á luz rutila do sol, os vossos dogmas, pulverisava os vossos milagres, reduzia o vosso monogenismo bíblico a lenda para-dezicaria?

Tão bello e tão fidalgo para com o adversario, humanitário e bom para com todos, elle se foi para a morte com a serenidade de um justo, ungido pelas nossas lagrimas e pela nossa veneração.

Padres de Roma, não tripudieis sobre a memoria de um morto, de um morto que ergueu em a sua consciencia um altar á Verdade, que combate o vosso erro e a vossa mentira. Não profaneis a grandeza excelsa desse Espírito que atravessou a existência sempre bom, humilde entre os humildes, dentro do seu apostolado humanitário, socorrendo o infeliz, enxugando as lagrimas dos afflictos, espalhando a luz que se irradia intensa do seu Espírito culto, pela consciencia em trevas dos prisoneiros do erro e da mentira clerical!

Mas que importa que os corvos do odio e do despeito esvaziem agora graxando blasphemias em torno da memoria sagrada desse grande morto, se ele sempre pairou em esfera tão alta e tão superior, onde não pode chegar a colera verde da baixalhada clericalista?

Elles, os corvos famelicos, que nunca tiveram coragem de enfrentar o no campo da luta quando a sua pena terrível rutilava vitoriosa pela imprensa, afiam hoje o vôo rasteiro e graxnam miserias e torpezas sobre a memoria do adversario leal que tombou em meio da luta no ardor da refrega, vencido pela morte, combatendo pelo Bem em nome da Razão e da Consciencia Humana.

A *Reia ca*, ajoelha-se ante o tumulo que encerra o corpo inanimado do Dr. Franco Grillo, cheia de muito respeito e de muita saudade.

### JESUITADA EM AÇÃO

Ainda não ha muitos dias, foi distribuído, n'esta cidade, um folheto anonymo intitulado «O perigo americano», — no qual, aemarilha jesuitica, pretende ver uma ameaça á integridade nacional, a permanencia, entre nós, de ministros protestantes vindos da America do Norte, á parte o acervo de gross-iras injurias e distorcidas mentiras de que o mesmo nau-sabundo pasquin se acha cheio.

Pois bem; existem, n'este Estado, DOIS americanos do Norte, que são ministros da Egreja Evangelica, e vivem n'esta cidade, onde realizam conferencias publicas, pregando sempre a moral religiosa e o respeito á lei e ás autoridades constituidas, os quaes trazem em completo sobressalto a gente de batina negra pestilenta e immunada.

E, ou porque vejam o progresso sempre constante do trabalho d'esses missionarios que dia a dia vai desfalcando os seos arraiaes, ou porque temam a responsabilidade que pesa sobre as suas cabeças por

## VERDADE

andarem mentindo e enganando este pobre povo, a quem usurparam sem dó nem piedade, procuram, por todos os meios, sempre os mais vis, tendo por base a mentira, dificultar a pregação do Evangelho, ou de qualquer outra doutrina que possa trazer-lhes o prejuízo de alguma ovelha.

Sempre mentirosos, vis e desrespeitáveis monstros da horda maldita!

Vêm ao caso, e muito a propósito, o facto altamente significativo que acaba de dar-se em Biguassú, onde um grupo de mais de cem homens, alemães e filhos de alemães, fanáticos, capitaneados, segundo dizem, por um «filhinho» do Sr. «vigário» Topp, armados de facas e pistolas, oppuseram-se a pagar impostos municipais, chegando ao ponto de declararem que, se não fossem atendidos, organisariam um contingente de trezentos homens armados e viriam á sede do município, para forçarem a autoridade a atender-lhos!

E fala-se em «perigo americano»!...

Não! o perigo que nos deve pôr de sobre-aviso é a horda jesuítica infernal e maldita que, amoitada nas trévas, pelas caladas, na escola e no confissionario, n'esta capital, no interior e p'ra toda a parte, fanatizando e bestializando o povo com o «purgatório», «bentinhos» e todas as outras superstíciones «papistas», vão preparando os seos «Antonios Conselheiros», creando novos «Canudos», impondo aos governos o ensino religioso nas escolas, apoderando-se dos címetrios, tratando de crear religião do Estado, plantando a discordia no lar, e, finalmente, deixando em sua passagem, por toda a parte, o rasto pestilento da batina negra!

Sim! Este é o perigo de facto que ameaça a nossa cara Patria!

Em quanto a tolerância não for o prímeiro dogma da religião católica, esta só servirá para dividir os homens.

Jules Simon

Ao jesuíta convém mais pregar a um grande auditório de gente ignorante, que lhe admire a eloquência, do que discutir com um homem de ciência que lhe descubra a ignorância.

Grainha

## Para traz!

O aparecimento da *Verdade*, jornal essencialmente anti-jesuítico, é um facto de elevada monta e que vem incontestavelmente preencher uma lacuna de há muito reclamada.

Era um dos poucos Estados, o de Santa Catharina, que ainda conservava-se indiferente em face da invasão jesuítica no solo do nosso querido Brazil.

Corridos da católica França, expulsos das Philipinas, tocados da velha Espanha, a horda funesta dos discípulos de Loyola, talvez confiada na benignidade do povo brasileiro, escolheu para seu refúgio a nossa cara Patria!

Para traz, jesuítas!

O Brazil é hospitaleiro, abre de par em par as suas portas para receber a quem a elas bate, recebe de braços abertos a quem vier para comosso colaborar na sublime obra de seu engrandecimento; mas, vós, o que vindes aqui fazer?

Escravizar as consciências, diffundir a superstição e outras quejandas cousas.

Elementos dessa ordem só nos pode ser fatal; longe de concorrer para a nossa felicidade, só nos cavará a ruina!

Para traz, horda fatídica!

Pia.

Quando a cabeça ensanguentada de um iluminado apóstolo da liberdade rola do alto de supplicio decepada pelas mãos nojentas do carrasco, é para se erguer espectral dentro da consciência vermelha dos tyranetês, e para fazel-os sentir, que as aspirações liberaes de um povo não se asfixiam, que a liberdade é um sentimento innato no coração humano.

Julio Pernatta.

## Miseraveis

v. Hugo

O Bispo em presença de uma Luz desconhecida.

Estava o bispo em contemplação diante d'este quadro, quando ouviu a voz do velho que dizia:

— Obrigado, não preciso de mais nada! E desfiou os olhos do Sol para os fixar, sorrindo, no rapazinho. O bispo adeantou-se. Ao rumor de seus passos, o velho que estava sentado voltou a cabeça de súbito, deixando ver no rosto toda a surpresa de que é susceptível quem tem vivido longa existência.

— Desde que eu aqui moro, disse elle, ainda aqui não entrou ninguém senão agora.

Quem é o senhor?

— Benvindo Myriel é o meu nome, respondeu o bispo.

— Benvindo Myriel?

— Já, ouvi esse nome. Não é a quem o povo chama Monsenhor Benvindo?

— Exatamente.

O velho prosseguiu com ligeiro sorriso:

— Visto isso, é o meu bispo?

— Creio que sim.

— Tenha a bondade de entrar.

O convencional estendeu a mão ao bispo, porém este não lhe pegou n'ella e apenas lhe disse:

— Vejo com gosto que me enganaram; pois realmente não me parece estar mal.

— Espero dentro em pouco ficar restaurado, respondeu o velho.

— Após uma pausa, acrescentou:

— Dentro de tres horas estarei morto.

O bispo sentou-se n'uma pedra que viu proxima, e principiou.

O seu exordio foi um *ex-abrupto*.

— Felicito-o, disse em tom de exprovação, porque ao menos, não foi dos que voltaram à morte do rei.

O convencional fez que não percebera a punjente significação d'aquele «ao menos» e respondeu com gesto repentinamente serio:

— Escusa de me felicitar, senhor, que eu votei o fim do tyranno. Era o assento austero em presença da inflexão severa.

— Que vem a dizer com isso, replicou o bispo.

— Quero dizer que o homem tem um tyranno, — a ignorância — e que eu votei o fim d'esse tyranno. Esse tyranno foi o autor de realza, que é a autoridadem mal entendida, no passo que a sciencia é a autoridadem bem interpretada. O homem só pela sciencia deve ser governado.

— E pela consciencia, acrescentou o bispo.

— E a mesma cousa. A consciencia não é mais do que a porção da sciencia innata que em nós temos.

O convencional prosseguiu:

— Quanto a Luiz XVI, votei contra a morte d'elle. Não me julgo com direito para matar um homem, mas conheço que tenho obrigaçao de exterminar o mal. Por isso votei o fim do tyranno.

Quer dizer o fim da prostituição para a mulher, o fim da escravidão para o homem, o fim da ignorância para a criança. Votei isto, votando a republica. Votei a fraternidade, a concordia, a aurora. Trabalhei na queda dos erros e preconceitos.

O desmoronamento dos erros e preconceitos produz a Luz. Fizemos cair o antigo mundo, e o antigo mundo vaso de misérias, converte-se em urna de felicidades, ao derramar-se sobre o genero humano!

— Felicidade amarga! disse o bispo.

— Pôde ser felicidade perturbada, e hoje, á vista desse restabelecimento do passado chamado 1814, felicidade desaparecida. Desgraçadamente, confessó, a obra ficou incompleta, demolimos o antigo regimen nos factos, mas não podemos extinguir o completamente nas idéias. Não basta destruir os abusos, é mister modificar os costumes. Destruí-se o moinho, mas ainda ficou o vento.

— Demolir! Demolir pôde ser que seja útil, mas desconfio de demolições a que anda adjunta a ira.

— O direito as vezes ira-se senhor bispo, e a ira do direito é um elemento de progresso. Assim mesmo, digam o que disserem, a revolução Franceza foi o passo mais fertil em resultados dado pelo genero humano depois do triunfo de Christo. Incompleto, concordo, mas sublime.

Ella resolveu todas as incognitas sociais, suavizou os espíritos, acalmou, pacificou, exclareceu; inundou a terra das ondas da civilisação. Foi bôa. A revolução Franceza foi a santificação da Humanidade.

O bispo não pôde ter-se que não murmurasse:

— Sim? e 93?

O convencional levantou-se da cadeira com solemnidade quasi lugubre e exclamou:

## VERDADE

mou com toda a força de que é susceptível um moribundo:

Elle ahi' vem com 93! A espera d'isso estava eu! Ha mil e quinhentos agnos, principiou a formar-se uma nuvem, que ao cabo de quinze séculos, rebentou. E o senhor vem acusar o raio!

Apesar de tentar encobri-lo a si próprio, talvez, o bispo sentiu-se ferido no alvo, porém respondeu, apparentando indiferença:

O juiz fala em nome da justiça; o padre em nome da religião, que é apenas uma justiça mais elevada. O raio não deve enganar-se.

E acrescentou olhando fixamente o convencional:

Luiz XVII?

O convencional estendeu a mão e replicou, trêmulo do braço do bispo:

Luiz XVII? Vamos lá. Por quem chora o senhor? Peço menino inocente? Neste caso estamos de acordo; choro também. E' pelo menino real? Peço que me deixe refletir. Para mim, o irmão de Cortonche, menino inocente, atado à forca por baixo dos braços e suspenso até o fazerem morrer, só pelo crime de ser irmão de Cortonche, não me contrista menos do que o neto de Luiz XV, inocente menino, martyrisado na torre do Templo, só pelo crime de ser neto de Luiz XV.

Senhor, atalhou o bispo, não gosto desses paralelos de nomes!

De Cortonche ou de Luiz XV? Por qual d'elles reclama?

Seguindo-se uma breve pausa. O bispo quasi que se arrepedia de ter vindo procurar o convencional, porém sentia-se extranhamente impressionado.

Decorridos instantes, prosseguiu o convencional:

— Vejo que não gosta do rigor da verdade, senhor padre. Gostava Christo, que pegava de uma vara e varria o templo. O seu azorrague cheio de relâmpagos era um terrível dízedor de verdades. Quando ele exclamava: *Sinite parvul s,* não distinguia entre os meninos. Não teria escrúpulo de juntar o delphim de Barabás com o delphim de Herodes! Senhor, a inocência é a coroa de si mesma. Não lhe influe nada ser alteza ou deixar de ser, porque tão augusta é quando coberta de andrajos como quando adornada de arminhos!

— E' exacto, disse o bispo em voz baixa.

Insisto, continuou o convencional. Fallou-me em Luiz XVII. Entendam-nos. Quer que choremos por todos os inocentes, por todos os martyres, por todos os meninos, sejam filhos do povo, sejam filhos dos reis? Neste caso tomo parte no pranto, mas então como já disse remontemos para além de 93 e principemos a derramar as nossas lagrimas desde antes de Luiz XVII.

Estou pronto a chorar pelos filhos dos reis com o senhor, contanto que o senhor chore comigo pelos filhos do povo!

— Eu choro por todos! disse o bispo.

— Igualmente! exclamou o convencional; e se a balança deve inclinar para al-

guma parte, seja antes para o lado dos filhos do povo, porque ha mais tempo que soffrem.

(Continua)

Mocidade! Pertence-nos a gloria da ta roja de pôr um paradeiro á mineração do jesuitismo; precezamos mostrar-lhe que nos, a força e o futuro, não contemporizamos.

Ismael Martins.

Negar Deos pode ser uma convicção religiosa; vendê-lo é uma ladraagem sacrilega.

Ramalho Ortigão

### AOS JESUITAS

O' férax de batina, ó negros histriões,  
Nafel que contra vós é vivo em prevenções.

Não é porque alimento inveja natural,

Ou que me tenhas feito o mais ligeiro mal,

O odio que vos culto é um odio abençoado,

Que desde muitos annos vos tenho consagrado.

Por vós que mereceis as nossas repulsoes,

O' férax de batina, ó negros histriões!

O' horda aventureira, funambulos da cruz,  
Porque é que especiais reis o nome de Jesus.

O' sombras perigosas de Ignacio de Loyola;

Poquê que empregais justa a ofertas de uma esmola?

Possais só no interesse pensais só no prazer.

No outro, na mulher, nas horas, no poder.

A vossa estulta erença só nisto se traduz,

O' horda aventureira, funambulos da cruz!

Na Historia estão escritos os funébres horrores,

Que vós desempenhastes, fatais exploradores;

A horrenda inquisição é o drama contumaz

Do instinto sangüinário que enloua animais.

Tentastes abafar a voz da consciência,

Perguntas os justos, os deuses da sepultura.

Arvorastes as guerras, tormentos e pavões

Na Historia estão escritos os funébres horrores

Ninguém, melhor que vós, impõe-nos tortura,

Ninguém, melhor que vós, escava a sepultura;

Debadre apregoais a sã misericordia,

Mas sóis os mordedores do penitente desverdade.

Vós tendes sempre armada a calva das supplex.

A'quelle que devenda os vossos malefícios,

O' rudes corações sem fibra de ternura,

Ninguém, melhor que vós, impõe-nos tortura!

A' grá supremacia arrasta-vos à vaidade,

Por isto perseguiis a pobre humanidade,

O' cínicos verdugos, pregaes o celibato,

E vivis com as trevas em vil concubinato.

No tal confissionario armaste a sedução,

O convento é o bordel da triste perdição,

E assim rosñando sempre amor e caridez,

A' grá supremacia arrasta-vos a vaidade!

Embora se regule p'ra o clero o isolamento,

Entranham-se as donzelas nas celas do convento;

Exposta a tentação assim ao vosso olhar,

Como é que do peccado poderes vos esquivar?

Por isto as tantas nôdeas que mancham-vos a vida.

E a fama que vos pesa de classe corrompida,

Mas tudo conseguis com torpe fingimento,

Embora se regule p'ra o clero o isolamento!

Casae-vos, sybaritas, quemuda-se o conceito,

On feciis os convintos — feciis o bom respeito;

Deixaes de tanta farça, de tanta hipocrisia,

Sede pae e consorte, um chefe de família,

Que então merecerás a justa confiança,

Que então terás de mim um esto de alianças,

Vos dando a minha mão risonho e satisfeito,

On casado, ou bem só — que mudas o conceito.

Lages — janeiro de 1903.

Matheus Junqueiro.

### AO ILLUSTRE REDATOR DA

#### "Verdade.."

Voltando ao meu terrão natal, esperava vir encontrar a tranquillidade, característica desta população.

Voltava de Curitiba, onde estivera envolvido em uma luta contra a Intolerância jesuítica.

O facto é simples.

O Dr. Grilo morreu e apesar a sua morte correu por toda a cidade, a notícia que Monsenhor Alberto Gonçalves havia dito: «O Dr. Grilo morreu como um porco por não conhecer Deus.»

Ismael Martins, alma grande, cerebração potente, lançou o grito de dor, ante a insolita agressão, feita sobre o cadáver ainda quefite do Dr. Grilo, terminando assim seu artigo: «pela bocca de Monsenhor Alberto Gonçalves, fallou o clero católico apostólico romano.»

Quando toda a população o mesmo Ismael, esperava um protesto de Monsenhor Alberto, este silenciou.

Incapaz de insultar um morto, e julgando que motivos particulares, impediu a Monsenhor Alberto de responder a Ismael, vim a impressa e em nome da amizade protestei contra tão mesquinhos sentimentos.

Esperava que Monsenhor Alberto protestasse, mas infelizmente o silêncio continuou.

A Sfrappine apesar alguns dias, veio a público e declara que apesar dos laços da amizade que a elle nos ligava, nunca havia julgado Monsenhor Alberto capaz de tales sentimentos; mas a vista do seu silêncio não mais podia duvidar.

O silêncio de morte continuou; Monsenhor Alberto nada disse.

Não se jngue que éramos intolerantes; tanto assim que eu e Ismael, tivemos a satisfação de abraçar o sr. Conego Braga, logo após o discurso proferido pelo mesmo senhor, em consequencia da nossa vitória, sobre a Bolivia.

Voltando portanto ao meu estado natal, em consequencia da alta bondade dos meus Patrios e amigos, e mais ainda em vista da minha disponibilidade, expressão do valor moral deste governo; esperava ver meus dias dedicado à minha Família, dedicando, o que me permitiem meus conhecimentos, ao progresso do meu Estado.

Sabia da existencia do orgão Cathólico Romano «A Verdade», achando justa sua existencia, julgando que o mesmo orgão, fosse o clarim vibrando as virtudes desta religião, que conta muitas páginas gloriosas na vida humana, deixando aos fracos os ataques aos que não pensão do mesmo modo.

Infelizmente no n.º 12 de 22 de Fevereiro do corrente, vi por terra esta minha suposição.

«A Verdade» deixou o caminho digno, para embrenhar-se na estrada tortuosa do ataque aos contrários.

O artigo «Novo Colégio» firmou as aspirações da Redacção.

(Continua).